

Criatividade e deficiência: por que parecem distantes? *

Creativity and disabilities: why do they seem so distant?

*Albertina Mitjans Martínez ***

Resumo

O objetivo principal é discutir as possíveis razões pelas quais a criatividade nos portadores de deficiências tem sido um tema pouco tratado na literatura científica e fundamentar como novas concepções de criatividade e de deficiência permitem compreender as possibilidades criativas dessa população. A partir de uma análise da produção científica nas áreas da criatividade e do estudo das deficiências, analisam-se três elementos que podem estar explicando a distância entre os conceitos de criatividade e deficiência. Na seqüência, a partir da perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano, apresentam-se alternativas teóricas, que mesmo que não sejam dominantes nos campos da criatividade e da deficiência, emergem como alternativas promissoras para uma articulação produtiva de ambos os conceitos. Por último, fundamenta-se a necessidade de desenvolver a criatividade nos portadores de deficiências pela significação que os processos e as realizações criativas têm para o desenvolvimento da subjetividade e para a saúde psicológica.

Palavras-chave: Criatividade. Deficiência. Inclusão. Subjetividade.

Abstract

The main purpose of this paper is to discuss possible explanations that can elucidate why the lack of 'creativity' in individuals with disabilities has been scarcely addressed in the scientific literature. In addition, how new definitions of the terms creativity and disabilities could lead us to understand the creative potential of these individuals is also shown. On the basis of existing literature, three factors were found to contribute to the existent distance between creativity and disabilities. Furthermore, within a historical-cultural approach, alternative and hopeful theories emerge – even if they are not viewed as being dominant in the areas of creativity and disabilities – in order to attain a productive link between these two fields. Lastly, the need to develop creativity among disabled individuals is presented, as creative processes and accomplishments are important for one's subjective development and psychological health.

Keywords: Creativity. Disabilities. Inclusion. Subjectivity.

Résumé (vide p. 85)

* Utilizo "portadores de deficiências" e não "portadores de necessidades educacionais especiais", que é o conceito atualmente utilizado pelo Ministério da Educação (MEC), para mostrar como as crenças dominantes sobre "os deficientes", entre outros fatores, têm limitado a análise das suas possibilidades criativas e o trabalho direcionado ao desenvolvimento de sua criatividade.

** Ph.D. Professora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

E-mail: amitjans49@yahoo.com

Criatividade e deficiência

O tema da criatividade em relação com os portadores de deficiências tem sido pouco tratado na literatura científica. Com certeza, uma análise detalhada da história das concepções e do estudo da deficiência, por uma parte, e da própria evolução da psicologia da criatividade, por outra, pode revelar, com profundidade, as razões dessa situação. No entanto, para os fins deste trabalho, me referirei apenas a três questões que sustentam estão na gênese da insuficiente articulação entre criatividade e deficiência.

A primeira refere-se a uma tendência que durante muito tempo tem sido dominante na consideração da deficiência: a ênfase na deficiência mesma e nas suas formas específicas de expressão, deixando de lado o sujeito portador da deficiência na sua integridade e possibilidades. Embora autores como Vigotski (1989) tenham focalizado a importância de analisar não a deficiência, mas o sujeito portador da deficiência, durante muitos anos tem prevalecido uma abordagem parcial, atomística, na compreensão e na educação dessa população. Vigotski (1989, p. 16) assinalava que “a reação do organismo e da personalidade da criança perante o defeito é o fato central, fundamental, a única realidade com a que a Defectologia trata”, afirmação que expressa, com clareza, a idéia essencial da sua concepção das crianças com deficiências. No entanto, a concepção funcionalista do homem, predominante de forma geral na Psicologia, não contribuiu para abordagens holísticas e integradoras sobre os portadores de deficiências. O desenvolvimento de técnicas, estratégias, métodos e inclusive de instrumentos para compensar as deficiências específicas não tem sido acompanhado realmente, na prática, de uma representação da pessoa com deficiências que inclua suas possibilidades de realização, produtividade e criatividade. Nesse sentido, Vigotski (1989, p. 22) alertava: “os problemas da educação das crianças com defeitos podem ser resolvidos apenas como problemas da pedagogia social (...) tem que se educar não apenas uma criança cega, mas, perante tudo, uma criança”. Rivière (1985), analisando a significação da obra de Vigotski para a Educação Especial, afirma: “Vigotski não pensava que a alternativa educativa fundamental das crianças com deficiências fosse, sem mais, sua incorporação ao sistema educativo regular, mas uma educação baseada na organização especial de suas funções e nas suas características mais positivas, em vez de nos seus aspectos mais deficitários” (RIVIÈRE, 1985, p. 64).

Resulta importante salientar que na subjetividade social, entendida como “o sistema de configurações subjetivas (grupais e individuais) que se articulam nos diferentes níveis da vida social” (REY, 1997, p. 133), a deficiência está associada àquilo que falta, àquilo que faz a pessoa diferente precisamente pelo que não tem, pelo que é deficitário em relação a “todos os outros”. A deficiência

na sua construção social está carregada de subvalorização em relação ao que o deficiente representa e de pessimismo em relação a suas possibilidades de execução, o que dificulta vincular deficiência e criatividade, esta última associada subjetivamente a formas de execução que estão acima da execução “média”.

O já exposto remete-nos a uma segunda hipótese sobre o que pode estar na base do distanciamento entre criatividade e deficiência. Nos referimos à consideração da criatividade como uma habilidade ou capacidade geral, associada fortemente a elementos de ordem cognitiva, e, para alguns, a habilidades cognitivas sobressalientes. Essa concepção foi dominante na Psicologia e na Pedagogia da criatividade durante muitos anos, limitando os avanços na compreensão desse complexo processo. Essa concepção, evidentemente, não era compatível com a deficiência, sendo difícil que a criatividade encontrasse um espaço na caracterização das crianças consideradas deficientes e, mais ainda, que fosse valorizada na Educação Especial, em que as concepções quantitativas e pessimistas da deficiência têm sido dominantes. Devemos lembrar que, para o auge da pesquisa sobre criatividade na Psicologia, condicionado pelo contexto histórico de pós-guerra, contribuíram significativamente os trabalhos de Guilford (1960, 1977) e sua conceituação sobre a produção divergente. O conceito de pensamento divergente, derivado de seu modelo de estrutura do intelecto e medido pelos conhecidos fatores de flexibilidade, originalidade, fluência e elaboração, marcou o conceito de criatividade numa perspectiva “intelectual” que ainda se mantém até hoje, mesmo coexistindo na atualidade com outras posições mais complexas e avançadas. Igualmente, a relevância do cognitivismo nos Estados Unidos, pólo principal da produção de pesquisas em criatividade, contribuiu para a hipertrofia da consideração dos elementos cognitivos nesse processo. Mudanças significativas de foco em relação à complexidade da criatividade e seus múltiplos determinantes têm sido mais recentes (como expressado nos trabalhos de AMABILE, 1983; CSIKSZENTMIHALYI, 1988; GARDNER, 1993; GRUBER, 1981; entre outros) e não são ainda dominantes na subjetividade social de muitos grupos.

Uma terceira hipótese sobre as razões do distanciamento entre criatividade e deficiência é a hipertrofia do caráter instrumental da criatividade, em cuja gênese e desenvolvimento tiveram um importante papel as condições sócio-econômicas que condicionaram o auge das pesquisas a ela associadas. No período do desenvolvimento econômico e social posterior à Segunda Guerra Mundial, cenário da corrida espacial e da Guerra Fria, a criatividade revelou-se claramente como uma necessidade crescente, pelo que ela representava para o sistema social: precisava-se, como nunca, de pessoas criativas na economia, na indústria, no planejamento, pessoas capazes de resolver problemas complexos, de superar

obstáculos, de enfrentar as características de um mundo cada vez mais complexo e mutante. Também a escola, como espaço de formação para o trabalho e para a inserção na vida adulta, começou a se preocupar, ao menos no discurso, com o tema da criatividade, vista esta como algo desejável para a inserção bem sucedida dos indivíduos no mundo do trabalho.

No entanto, os portadores de deficiências, junto a outros grupos minoritários, de fato ficam excluídos da sociedade produtiva; eles não são considerados em termos de significação para o desenvolvimento sócioeconômico. A ideologia de uma sociedade para todos, de uma sociedade inclusiva, expressada em políticas públicas diversas, é relativamente recente e constitui o reconhecimento da exclusão que tem caracterizado a posição social desses grupos. O portador de deficiências não é percebido como um elemento positivo para o desenvolvimento sócioeconômico, mas como um lastro que a sociedade tem que carregar. Se da criatividade se dimensiona essencialmente seu aspecto instrumental, ou seja, sua significação para o desenvolvimento sócioeconômico, resulta coerente que não sejam estabelecidos vínculos entre criatividade e deficiência, tal como esta é considerada no desenho social. Unicamente concepções que não apenas valorizem o aspecto social, instrumental da criatividade, mas que valorizem também a importância da criatividade para o bem estar emocional e o desenvolvimento pessoal podem permitir uma aproximação diferente entre criatividade e deficiência.

Concepções diferentes das tradicionalmente dominantes em relação à consideração da deficiência, por uma parte, e da criatividade, pela outra, resultam necessárias para poder analisar de um outro modo a relação entre criatividade e deficiência e, conseqüentemente, considerar sob outro prisma a criatividade nos portadores de deficiência e suas possibilidades de educação e desenvolvimento.

**A criatividade como processo complexo da subjetividade humana
e a consideração do portador de deficiências como sujeito:
alternativas para uma compreensão diferente
da relação entre criatividade e deficiência**

Na evolução da compreensão da criatividade, cada vez se reconhece com maior clareza a diversidade de elementos que nela intervêm e que podem contribuir para explicá-la, assim como a diversidade de formas como se manifesta. Nessa perspectiva inserem-se nossos trabalhos de pesquisa na área da criatividade, os quais nos têm permitido compreender a criatividade como um processo complexo da subjetividade humana (em sua dimensão individual e social), expressão de configurações personológicas específicas que permitem ao sujeito, em interação

com os contextos onde está inserido e com os quais interage, o descobrimento ou a produção de “algo” que em alguma medida pode ser considerado “novo” e “valioso” (MARTÍNEZ, 1997). Consideramos a criatividade como um processo da subjetividade, porque é precisamente o homem quem, a partir de configurações complexas de sentidos e significados em nível individual e social, produz novidade e valor. Na nossa concepção, as categorias sujeito e personalidade, como categorias assumidas no complexo caminho da compreensão da subjetividade individual (REY, 1997), adquirem uma especial relevância. Por isso, resulta necessário esclarecer que a concepção de personalidade que assumimos difere daquelas utilizadas tradicionalmente nos estudos sobre criatividade. Seguindo os trabalhos desenvolvidos por Rey (1985, 1989, 1995, 1997) e Rey e Martínez (1989), consideramos a personalidade como um sistema complexo de configurações subjetivas que participam da regulação e autoregulação do comportamento do sujeito, entendendo as configurações subjetivas como agrupamentos dinâmicos de elementos psicológicos de natureza cognitivo-afetiva que se expressam em sentidos subjetivos bem definidos.

A partir de trabalhos de pesquisa com pessoas consideradas altamente criativas pela sua produção real em diferentes campos da atividade, chegamos a elaborar o conceito de configurações criativas para expressar a integração dinâmica dos elementos psicológicos que intervêm na expressão criativa do sujeito (MARTÍNEZ, 1997). Esse conceito resultou importante para orientar os nossos trabalhos direcionados a tentar compreender a participação da subjetividade na expressão criativa.

A partir da revisão dos trabalhos mais significativos nas principais aproximações ao estudo da relação criatividade-personalidade na Psicologia, encontramos um conjunto de elementos psicológicos fortemente associados ao comportamento criativo: “motivação, capacidades cognitivas, abertura à experiência, independência, flexibilidade e autoconfiança” (MARTÍNEZ, 1997, p. 40). Nas nossas pesquisas com profissionais criativos, encontramos como sendo comuns às configurações criativas dos sujeitos estudados os seguintes:

- alto grau de desenvolvimento da motivação para a profissão. A profissão torna-se tendência orientadora da personalidade;
- clara orientação de futuro na esfera profissional;
- força da individualidade. A autovalorização como um importante elemento dinâmico da expressão criativa;
- orientação muito ativa para a superação;
- orientação consciente para a criação (MARTÍNEZ, 1997, p. 115).

Os elementos psicológicos associados fortemente ao comportamento criativo mencionados anteriormente foram encontrados estudando a criatividade em níveis significativos de expressão e em campos como tecnologia, ciências, artes, profissões, que têm sido as áreas da criatividade tradicionalmente estudadas. No entanto, a partir de uma concepção complexa da criatividade, não podem ser considerados como “universais” para todos os níveis e campos em que a criatividade pode ser expressa.

É interessante destacar que, se bem encontramos um conjunto de elementos comuns às configurações criativas dos sujeitos estudados, esses elementos, em sua especificidade, pareciam configurar-se de forma única e diferenciada nos sujeitos estudados, o que nos levou à compreensão do caráter único, singular das configurações criativas (MARTÍNEZ, 1997). A unicidade das configurações criativas se explica pela especificidade que assumem os elementos comuns anteriormente mencionados e sua articulação com outros que não são necessariamente comuns, mas que integram a configuração definindo o sentido subjetivo, único, da expressão criativa em cada sujeito individual.

O próprio conceito de configuração criativa expressa a complexidade da determinação psicológica da criatividade, complexidade que, como assinalamos, vai se tornando cada vez mais reconhecida, em oposição a concepções mais simplificadoras, em que a criatividade aparece fundamentalmente como função de processos específicos, como diferentes tipos de pensamento, alguns tipos de motivação ou outras unidades psicológicas específicas. Quando tentamos compreender a produção criativa do sujeito a partir de uma perspectiva configuracional, estamos considerando de forma integrada e singularizada aspectos que, até mesmo hoje, são concebidos em alguns modelos como realidades psicológicas separadas e estandardizadas, conceituadas apenas em termos de cognição, motivação, personalidade ou outros conteúdos psicológicos cujas inter-relações apresentam-se essencialmente de forma externa e descritiva.

A ênfase que fazemos na natureza subjetiva da criatividade não exclui o social, como poderia parecer se pensamos a subjetividade no sentido intrapsíquico e inerente à natureza humana, como aparece no senso comum. A ênfase na criatividade como processo da subjetividade humana integra o social como espaço constituinte da subjetividade individual, além de constituir, em sua dimensão subjetiva (subjetividade social), um dos elementos essenciais para a expressão da criatividade. As configurações criativas constituem-se no processo de desenvolvimento da personalidade e da condição de sujeito, processo que acontece a partir de determinantes de diferentes ordens, mas no qual o social, nas suas múltiplas dimensões, adquire importância primordial. É no processo de vida

social, de interação num mundo cultural com os outros sociais que na criança vão se desenvolvendo os processos psicológicos especificamente humanos e vai se configurando sua personalidade. É por meio das interações com os outros que o sujeito se constitui e constrói e reconstrói de forma permanente a subjetividade. O social não aparece em contraposição com o subjetivo, mas como participante essencial da sua formação; o subjetivo contém, transformado qualitativamente, o social. Por outra parte, a categoria sujeito relaciona-se estreitamente com o social, já que este constitui seu espaço de ação. O sujeito, que representa a parte interativa da subjetividade (REY, 1997), atua intencionalmente, a partir dos recursos personológicos que possui, nos espaços sociais onde está inserido. O social, na sua complexidade e diferentes formas de expressão, não constitui apenas o contexto que influi sobre o sujeito, mas o espaço de ação intencional e construtiva do sujeito, que é quem, por meio da sua própria ação, o constrói e constrói a si mesmo. O social oferece possibilidades e limites para a expressão criativa, mas é o sujeito quem constrói sua própria expressão criativa, a qual nunca é determinada em última instância por fatores “externos” a ele.

Quando nos referimos à criatividade como o processo de produção de “algo” “novo” e “valioso”, estamos assumindo que a criatividade se expressa em qualquer tipo de atividade humana: as artes, a ciência, a tecnologia, as relações interpessoais, as atividades do lar, o processo de apropriação de conhecimentos e outras, precisamente nas áreas nas quais o sujeito está profundamente implicado e para as quais tem desenvolvido recursos que lhe permitem, em alguma medida, produzir “novidade” e “valor”.

Na nossa perspectiva, a criatividade, na sua condição de processo subjetivo complexo, não é inerente a uma suposta natureza humana universal e abstrata, mas um processo constituído a partir da inserção dos sujeitos nos contextos culturais e históricos de constituição de subjetividade. Neles, em função da história de vida individual, única e irrepetível, a subjetividade individual vai se constituindo de forma altamente diferenciada e expressando-se em diferentes recursos da personalidade. Por isso, as pessoas não são criativas de forma geral, mas naqueles campos de sua atividade para os quais têm desenvolvido motivações, capacidades, valores etc., e que constituem importantes configurações de sentido subjetivo.

Reconhece-se que os critérios de novidade e valor são sempre relativos. A criatividade expressa-se em diferentes níveis, em função da magnitude da novidade produzida e de seu significado e impacto: desde níveis mais elementares até produções transcendentais à humanidade. Por isso, caracterizar a criatividade

significa analisá-la nas suas diferentes áreas de expressão, nos seus diferentes níveis e essencialmente na sua complexa determinação, em que recursos subjetivos muito diversos necessariamente intervêm. Uma concepção complexa e multifacetada da criatividade, com ênfase no seu caráter subjetivo, permite articular de forma diferente os conceitos de criatividade e deficiência. O portador de deficiência pode ser criativo em diferentes níveis, em função do grau do desenvolvimento da configuração dos recursos subjetivos necessários para a criação num determinado campo de ação, do sentido subjetivo que para ele tenha a atividade criativa e das características dos contextos onde está inserido e se desenvolve.

Como é conhecido, o conceito de deficiência está referido a um conjunto heterogêneo de fenômenos. O amplo espectro de fenômenos implicados (deficiências físico-motoras, sensoriais, intelectuais, etc.) impõe necessariamente uma análise diferenciada das capacidades e habilidades que podem desenvolver os portadores das mesmas. Independentemente de serem considerados na mesma categoria por possuir um “déficit” em relação às pessoas “normais”, diferenciam-se extraordinariamente pelos tipos de habilidades e capacidades que podem desenvolver e que podem vir a formar parte de configurações psicológicas criativas.

Mudar o foco de análise da deficiência concreta para o sujeito como um todo, considerando não apenas seus pontos fracos, mas suas características mais positivas, como fundamentado por Vigotski (1989), permite considerar em primeiro plano a análise de sua constituição subjetiva, ponto essencial, a nosso modo de ver, para compreender as suas potencialidades criativas e suas possibilidades de desenvolvimento. O enfoque configuracional da criatividade focaliza o conjunto de recursos subjetivos que estão na sua base, no qual as capacidades integram-se apenas como um importante elemento, e focaliza também os sentidos subjetivos que assumem as principais atividades e relações do sujeito, assim como o sentido subjetivo da própria deficiência, elementos que podem ser importantes na compreensão da criatividade. A configuração de sentidos e significados que constituem a subjetividade individual são importantes elementos para explicar a expressão da criatividade nesses sujeitos.

Nas nossas pesquisas com profissionais de reconhecido nível de criatividade, participaram sujeitos cegos e sujeitos com severas deficiências físico-motoras altamente criativos nas suas respectivas profissões (matemática, psicologia e magistério), o que mostra que a deficiência, *per se*, não constitui uma barreira para a criatividade num alto nível de expressão. No entanto, uma pessoa com limitações intelectuais apreciáveis não poderá atingir o nível de pensamento

lógico-matemático que lhe permita, por exemplo, ser considerada razoavelmente criativa na física ou na matemática, mesmo que possua outros recursos psicológicos necessários para a criatividade. Isto não significa que essa pessoa não possa manifestar criatividade na expressão corporal ou no artesanato, áreas de atuação em que as capacidades de raciocínio lógico não ocupam necessariamente um lugar de destaque. Precisamente uma concepção centrada no sujeito e não na deficiência permite enxergar os pontos fortes para ancorar ações educativas que permitam promover o desenvolvimento de outros elementos importantíssimos para a criatividade, como as motivações, os interesses, a segurança, a independência etc. Tais ações contribuiriam para o desenvolvimento de configurações criativas e sentidos subjetivos que possibilitem a expressão criativa em uma ou outra área de ação.

O estudo da criatividade nos portadores de deficiências emerge como uma importante via para continuar aprofundando a compreensão da complexidade na determinação subjetiva da criatividade, tanto na sua expressão individual quanto social, e essencialmente como um espaço de produção de conhecimento em relação às vias para estimulá-la e desenvolvê-la, dada sua significação nessa população.

Significação do desenvolvimento da criatividade nos portadores de deficiências

Em diversos trabalhos temos salientado a significação pessoal da educação e do desenvolvimento da criatividade (MARTÍNEZ, 1996, 2000, 2001, 2002), tentando mostrar seu valor para o desenvolvimento integral da pessoa. Como anteriormente mencionamos, é comum reconhecer a necessidade de desenvolver a criatividade dos indivíduos e das organizações como via essencial para enfrentar os desafios e solucionar os problemas que a complexidade da sociedade atual impõe. Porém, se indiscutivelmente a sociedade exige cada vez mais indivíduos criativos capazes de potencializar os níveis de desenvolvimento sócioeconômico e superar os obstáculos que aparecem no cotidiano, não resulta ser essa a única ou principal razão que deve orientar os esforços para educar e desenvolver a criatividade. Existe outra poderosa razão para esse empenho, e é a que tentamos, a todo momento, salientar: a significação que a criatividade pode ter para o bem-estar emocional, a saúde psicológica e o desenvolvimento da subjetividade.

A criatividade, como forma de expressão da subjetividade, é expressão, entre outros fatores, do nível de desenvolvimento de um importante conjunto de recursos psicológicos e simultaneamente se constitui em fonte de satisfação de necessidades e motivos da personalidade. Desenvolver a criatividade não significa

apenas contribuir para desenvolver os recursos psicológicos que estão na sua base, significa também possibilitar a expressão criativa real e, por meio dela, a expressão e a satisfação de necessidades diversas da personalidade, como podem ser, por exemplo, as necessidades de realização, autovalorização, segurança ou reconhecimento social.

Os trabalhos que salientam a inter-relação entre criatividade e saúde (MASLOW, 1982, MARTÍNEZ, 2001, 2002, entre outros) adquirem especial relevância para compreender a significação do desenvolvimento da criatividade nos portadores de deficiências. Especialmente se temos em conta as duas dimensões básicas em que as inter-relações criatividade e saúde podem ser analisadas (MARTÍNEZ, 2002).

A primeira delas refere-se à criatividade como um importante espaço de produção de emoções favoráveis à saúde. Os processos de criatividade e seus resultados produzem vivências emocionais associadas à satisfação e à realização pessoal, tanto que para muitos sujeitos a criatividade constitui uma configuração de sentido de vida e de integração subjetiva. Nesse sentido, quando está associada a atividades que implicam um processo progressivo de opções e construções, atua em processos emocionais favorecedores da saúde. Mesmo que a compreensão do papel do emocional na constituição da subjetividade constitua uma direção de investigação desafiadora, pesquisas realizadas na perspectiva histórico-cultural mostram o papel das vivências emocionais na constituição e no desenvolvimento de importantes aspectos da subjetividade, como motivação, segurança, independência, aspectos fortemente associados aos processos de saúde. Nas ciências médicas existe um crescente reconhecimento do papel das emoções negativas nos processos de doença, especialmente pelos seus efeitos no sistema imunológico do organismo. Por isso, os espaços de produção de emocionalidade sadia resultam especialmente significativos pelas suas implicações na saúde. Resulta importante destacar o fato de que a valorização social é um elemento importante na constituição da autovalorização, precisamente pelo sentido subjetivo que adquire e pelas vivências emocionais que provoca. Na medida em que a expressão da criatividade está associada a uma valorização social positiva, o sistema valorativo dos outros converte-se numa fonte adicional de vivências emocionais de aceitação, segurança etc., que contribuem para o desenvolvimento de uma autovalorização adequada, importante na potencialização da criatividade e também da saúde. Também a criatividade possibilita mudanças de sentido associadas ao melhoramento do modo de vida, mudanças de modo de vida que podem ser muito favoráveis aos processos de saúde.

A segunda dimensão de análise, relacionada estreitamente com a anterior, refere-se, como foi mencionado anteriormente, às configurações subjetivas associadas simultaneamente aos processos de criatividade e saúde e, conseqüentemente, à possibilidade de analisar o processo de educação e desenvolvimento da criatividade como um processo de promoção de saúde. Pesquisas sobre a participação do psicológico nos processos de saúde-doença mostram que um conjunto de elementos subjetivos, como riqueza de interesses, capacidade de autodeterminação, flexibilidade para encontrar alternativas adequadas a situações tensas e contraditórias, projetos e planos futuros, constituem recursos que permitem ao sujeito enfrentar as exigências imediatas, recursos que atuam como agentes protetores, contribuindo para diminuir a vulnerabilidade do organismo a agentes causadores de doenças. Muitos desses recursos correspondem àqueles que estão na base da expressão criativa e que constituem a dimensão subjetiva individual da criatividade: independência, motivação, flexibilidade, capacidade de gerar alternativas, entre outros. Desse modo, as estratégias que procuram desenvolver a criatividade a partir do desenvolvimento dos recursos subjetivos a ela associados convertem-se, indiretamente, em processos de promoção de saúde. Estamos nos referindo àquelas estratégias sistêmicas, seja no contexto escolar, no contexto familiar ou de trabalho, que implicam ações articuladas a curto, médio e longo prazo, direcionadas a desenvolver nos indivíduos formações motivacionais, independência, segurança, capacidade de problematização, capacidade de enxergar opções perante diferentes situações e outros recursos psicológicos associados simultaneamente à criatividade e à saúde.

O desenvolvimento da criatividade, na nossa perspectiva, parte do reconhecimento e da definição de espaços próprios do sujeito, espaços saudáveis, na medida em que se associam a características subjetivas relacionadas com a saúde e a produção de estados emocionais que favorecem o bem-estar do sujeito e opõem-se aos processos de doença.

As considerações anteriores adquirem especial relevância em relação aos portadores de deficiências. Tanto pela sua significação social quanto pela sua significação pessoal, o desenvolvimento da criatividade revela-se como importante nessa população. No entanto, a importância da criatividade para o desenvolvimento pessoal emerge com particular significação. Sabemos que na sociedade atual a deficiência não tem conseguido se desprender da subvalorização, das diferentes e sutis formas de exclusão e ainda de rejeição às quais tem estado ligada por muito tempo. Em sentido geral, as pessoas com deficiências se

constituem e desenvolvem em contextos sociais que pouco favorecem o desenvolvimento dos recursos psicológicos necessários para sua realização e bem-estar emocional. Assim, sobre o defeito primário, utilizando a conceituação de Vigotski (1989), constituem-se defeitos secundários que limitam as possibilidades de desenvolvimento e de inserção saudável dessas pessoas nos diferentes espaços sociais dos quais participam.

Trabalhar intencionalmente no desenvolvimento da criatividade dos portadores de deficiências contribuiria para focalizar a necessidade de estratégias e ações para desenvolver recursos subjetivos tais como segurança, autovalorização, flexibilidade, independência e outros fortemente associados ao comportamento criativo. Tem-se em conta, também, que a própria ação criativa contribuiria para potencializar o desenvolvimento desses recursos, na medida em que se constitua numa configuração de sentido subjetivo, na relação dialética entre ação de sujeito e constituição da sua subjetividade.

Um trabalho direcionado ao desenvolvimento da criatividade nos portadores de deficiência também obrigaria a trabalhar no redesenho dos contextos sociais nos quais interagem e se constituem, atentando especialmente para os elementos da subjetividade social que limitam a constituição e desenvolvimento de elementos essenciais para a criatividade.

Não apenas reconhecer, mas estimular e desenvolver a criatividade nos portadores de deficiências constitui uma via para contribuir efetivamente para uma sociedade inclusiva, responsabilidade que compartilhamos todos os interessados pelo pleno desenvolvimento humano.

Referências

- AMABILE, Teresa M. *The social psychology of creativity*. New York: Springer-Verlag, 1983.
- CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly. Society, culture and person: a systems view of creativity. In: STERNBERG, R. J. (Ed.). *The nature of creativity*. New York: Cambridge University Press, 1988, p. 325-339.
- GARDNER, Howard. *Creating minds*. New York: Basic Books, 1993.
- GRUBER, Howard. *Darwin on man*. Chicago: University of Chicago Press, 1981.
- GUILFORD, J. P. *The structure of the intellect model: its use and implications*. New York: Mac Graw Hill, 1960.
- GUILFORD, J. P. *Way beyond the IQ: guide for improving intelligence and creativity*. Buffalo: Creative Education Foundation, 1977.
- MARTÍNEZ, Albertina Mitjans. *Criatividade, personalidade e educação*. Campinas: Papirus, 1997.

- MARTÍNEZ, Albertina Mitjás. Creatividad en la educación especial. *Revista Siglo XXI: Perspectivas de la Educación desde América Latina*. México, SEP-DIC, v. 2, n. 5, p. 27-37, 1996.
- MARTÍNEZ, Albertina Mitjás. Pensar, crear y transformar: desafíos para la educación. *I Simpósio Multidisciplinar – Pensar, Criar e Transformar*. São Paulo: Unimarco, 2000, v. 1, p. 15-26.
- MARTÍNEZ, Albertina Mitjás. Inter-relações entre criatividade e saúde: sua significação para o trabalho com pessoas portadoras de deficiências. In: XX CONGRESSO INTERNACIONAL DAS APAES, 2001, Fortaleza. *Anais*. Brasília: Lid Gráfica, 2001. p. 67-70.
- MARTÍNEZ, Albertina Mitjás. Creatividad y salud en los individuos y en las organizaciones. *Creatividad y Sociedad*. Barcelona, v. 1, n. 1, p. 25-32, 2002.
- MASLOW, Abraham. *La amplitud potencial de la naturaleza humana*. México: Trillas, 1982.
- REY, Fernando González. *Psicología de la personalidad*. La Habana: Pueblo y Educación, 1985.
- REY, Fernando González. *Psicología: principios y categorías*. La Habana: Ciencias Sociales, 1989.
- REY, Fernando González. *Comunicación, personalidad y desarrollo*. La Habana: Pueblo y Educación, 1995.
- REY, Fernando González. *Epistemología cualitativa y subjetividad*. São Paulo: EDUC, 1997.
- REY, Fernando González; MARTÍNEZ, Albertina Mitjás. *La personalidad: su educación y desarrollo*. La Habana: Pueblo y Educación, 1989.
- RIVIÈRE, Angel. *La psicología de Vigotski*. Madrid: Visor, 1985.
- VIGOTSKI, Lev Semionovich. *Obras completas*. Tomo V. La Habana: Pueblo y Educación, 1989 (Conjunto de trabalhos elaborados pelo autor entre 1920 e 1930. Título original: *Asnovi defektologii*).

Résumé

Créativité et déficience: pourquoi elles apparaissent distantes?

L'objectif principal de ce travail est de discuter les raisons possibles pour lesquelles la créativité chez les porteurs de déficiences a été un thème peu traité dans la littérature scientifique et donner des fondements comment de nouvelles conceptions de créativité et de déficience permettent de comprendre les possibilités créatives de cette population. À partir d'une analyse de la production scientifique dans les domaines de la créativité et de l'étude des déficiences, trois éléments qui peuvent expliquer la distance entre les concepts de créativité et de déficience sont analysés. Dans la séquence et à partir de la perspective historico-culturelle du développement humain, on présente des alternatives théoriques qui, même qui ne soient pas dominantes dans le champs de la

créativité et de la déficience, émergent comme des alternatives prometteuses pour une articulation productive des deux concepts. En dernier lieu, on donne les fondements de la nécessité de développer la créativité chez les porteurs de déficiences par la signification que ces processus et les réalisations créatives ont pour le développement de la subjectivité et pour la santé psychologique. (Nous utilisons l'expression 'porteurs de déficiences' et non porteurs de 'besoins éducationnels spéciaux', qui est le concept actuellement utilisé par le Ministère de l'Éducation, parce que l'objectif du travail est précisément de montrer comment les croyances dominantes sur 'les déficiences', entre autres facteurs, ont limité l'analyse de ses possibilités créatives et le travail directionné sur le développement de la créativité.)

Mots clefs : Créativité. Déficience. Inclusion. Subjectivité.

Recebida 1ª versão em 09.09.2002

Aceita 2ª versão em 27.06.2003